A psicologia e a cientificidade da psique

[publicado na *Revista Insight – Psicoterapia*. São Paulo: Lemos Editorial, v.108, nº 27, pp. 04-07, 2000]

Márcio Mariguela[·]

> "Também a psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser? Mas seu caso é diferente. Nem todos são bastante audazes para emitirem julgamento sobre assuntos físicos, mas todos - tanto o filósofo quanto o homem da rua - têm sua opinião sobre questões psicológicas e se comportam como se fossem, pelo menos, psicólogos *amateurs*. E agora vem a coisa mais notável. Todos - ou quase todos - concordam que o que é psíquico *tem* realmente uma qualidade comum na qual sua essência se expressa, a saber, a qualidade de *ser consciente* - única, indescritível, mas sem necessitar de descrição. Tudo o que é consciente, dizem eles, é psíquico, e, inversamente, tudo o que é psíquico é consciente; isso é auto-evidente e contradizê-lo é absurdo"
>
> Sigmund FREUD, *Algumas Lições Elementares de Psican*álise (1938)

A história contemporânea é atravessada pelo problema da cientificidade da psique, demarcando campos de saberes que se entrecruzam na enunciação de discursos sobre o que há de humano no animal falante. Se é possível resgatar desde o pensamento clássico grego e romano as linhas diretivas do saber sobre o psíquico, é bem verdade que somente no século XIX, por uma adequação das questões filosóficas sobre a consciência, oriundas sobretudo do pensamento cartesiano na modernidade, com as pesquisas neurobiológicas sobre o funcionamento mental é que a psique irá adquirir o estatuto de objeto de estudo científico.

Identificando o que é de ordem psíquica com os fenômenos da consciência, abriu na modernidade a possibilidade de espacialização da psique na anatômica do cérebro. A localização da consciência no espaço anatômico permitiu um avanço significativo nas pesquisas que alavancaram a emergência histórica da psicologia científica.

Caracterizar cientificamente o conhecimento das atividades psíquicas implicou em estudá-las segundo um procedimento metodológico específico: o método experimental. Porém, pode-se argumentar que o método experimental não é adequado para apreender o domínio de tais atividades, pois a aplicação metodológica não

---

[·] Doutor pela Faculdade de Educação da UNICAMP; Professor de Filosofia, na Faculdade de Ciências Humanas e Coordenador do Curso de Filosofia da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP; Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise de Campinas; autor do livro *Epistemologia da Psicologia* (Editora Unimep, 1995) e organizador da coletânea *Foucault e a destruição das evidências* (Editora Unimep, 1994).

consegue dar conta da dimensão propriamente humana que está em jogo em toda e qualquer teoria psicológica. Ou seja, há sempre uma determinada concepção do que vem a ser o atributo humano para as atividades psíquicas. Deste modo, toda teoria científica sobre o psiquismo implica numa dada concepção de homem: quer seja redutível ao comportamento, às funções mentais, ao processo de cognição, etc. Aceitar como premissa que a psicologia é uma ciência natural requer admitir que a psique é um objeto, da mesma ordem daqueles estudados pela física, química e a biologia.

De fato, tal concepção emergiu no solo fértil da segunda metade do século XIX, sobretudo nos trabalhos de pesquisa realizados no laboratório de Wilhelm Wundt. Fisiólogos recém formados na Inglaterra, na França e na América do Norte, desembarcaram em Leipzig, na Alemanha, pelos idos de 1873 para aprender a pesquisar o funcionamento da atividade cerebral. Wundt ensinava seus jovens alunos a mensurar os processos mentais através de suas reações neurofisiológicas: as atividades psíquicas deveriam ser analisadas por seus elementos que, em conexão, uns com os outros, poderia estabelecer as leis que os regem. Com a publicação da obra *Psicologia Fisiológica* em 1874, Wundt apresentou suas credenciais para transformar a psique em objeto de estudo científico, fez escola e recebeu o título de fundador da ciência psicológica. Os estudos sobre o psiquismo desenvolvidos a partir de teorias fisiológicas da percepção sensorial marcaram a possibilidade de admissão da psicologia no campo das ciências naturais.

A cientificidade da psique lança suas raízes num problema metodológico apresentado por Auguste Comte, contemporâneo de Wundt. Como fundador do positivismo, Comte sistematizou a marcha progressiva do espírito humano, estabelecendo a seguinte premissa: todos os fenômenos estão sujeitos a leis invariáveis. Classificou os fenômenos em cinco categorias: astronômicos, físicos, químicos, fisiológicos e sociais. Excluindo a possibilidade de haver fenômenos psíquicos, Comte rejeita a psicologia de sua enciclopédia das ciências positivas, por ser incapaz de sustentar um objeto de estudo passível de mensuração e controle. Não há fenômenos psíquicos, logo o psiquismo não pode ser objeto de estudo para a ciência positiva.

Para Comte, o espírito humano pode observar diretamente todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Dessa forma, a fisiologia e a física social se constituem como as únicas possibilidades de conhecimento dos fenômenos humanos: como organismos vivos e como relações destes organismos entre si. "Percebe-se que de nenhuma perspectiva há lugar para essa psicologia ilusória, última transformação da teologia, que

se tenta em vão reanimar hoje e que, sem perturbar nem o estudo fisiológico de nossos órgãos intelectuais, nem a observação dos processos racionais que dirigem nossas diversas pesquisas científicas, pretende chegar à descoberta das leis fundamentais do espírito humano, contemplando-o ele próprio, a saber, fazendo completa abstração das causas e efeitos"[1].

A espacialização anatômica da psique foi condição decisiva para uma série de discursos que não cessam de nos remeter às bases fisiológicas que definem o campo operativo dos enunciados científicos. Ainda hoje, toda e qualquer teorização sobre a psique esbarra no problema da cientificidade da psique: Se não há fenômenos psíquicos, como pensava Comte, o que levou a psicologia ser reconhecida como ciência natural? Quais arranjos epistêmicos foram necessários para converter a atividade consciente em objeto de investigação experimental?

Diferentes autores, de diversas matizes conceituais, realizaram a crítica à cientifidade da psique. Friedrich Nietzsche, por exemplo, na primavera de 1886, escrevendo um novo prefácio para o livro *Humano, demasiado humano*, perguntou: "Mas onde há hoje psicólogos? Na França, com certeza; talvez na Rússia; seguramente não na Alemanha". A crítica nietzschiana dirigia-se àqueles que identificavam a psique ao cérebro; aos que reduziam o espaço psíquico às funções neurofisiológicas da atividade cerebral. Após cem anos de crítica, presenciamos o mesmo argumento apresentado pelas teorias que envolvem as chamadas neurociências: os discursos sobre a dimensão psíquica dos animais falantes são enunciados a partir de um substrato anatomo-químico. Esta redução do psíquico à atividade consciente e desta à uma localização anatômica ocupa o cenário dominante nos discursos científicos em voga.

O tema das relações entre psicologia e ciência partem de duas premissas distintas: a psicologia é uma ciência natural; a psicologia é uma ciência humana. Dependendo do ponto de partida, toda uma série de conseqüências podem ser extraídas: desde a definição de objeto, fenômeno e métodos de pesquisa. Wundt por exemplo, ministrou um ciclo de conferências no período de 1862 a 1866 para defender "A Psicologia do Ponto de Vista das Ciências Naturais". Certamente não faltaram aqueles que defendiam a psicologia do ponto de vista das ciências humanas. Nos anos 50, podemos identificar tal posição nos cursos ministrados por Maurice Merleau-Ponty no

1 COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva*. Coleção Os Pensadores 4ª ed. São Paulo:Nova Cultural, 1988, p.13.

Collège de France, quando procurou demonstrar as contribuições da fenomenologia para resolver os impasses da psicologia científica.

No início dos anos 70, surgiu na América do Norte um movimento que se propunha elaborar uma metodologia para a pesquisa psicológica, tomando como base os princípios da fenomenologia de Edmund Husserl e Maurice Merlau-Ponty. Denominando-se como "Terceira Força", tal movimento propunha reaproximar a psicologia da filosofia - se é que algum dia ela se afastou! No Brasil, as críticas à psicologia experimental são concomitantes à implantação dos cursos de psicologia que se alastravam pelos campus universitáriosde todo país. A localização acadêmica da psicologia obedecia as posições de seus proponentes, de tal forma que ainda hoje, encontramos cursos de psicologia na área das ciências naturais (biológicas) e outros na área das ciências humanas. Apesar de certa flexibilização do currículo de disciplinas obrigatórias para a formação de psicólogos, a carga horária de psicologia experimental ainda é majoritária, o que revela, a meu ver, o critério de cientificidade que investido na formação profissional[2].

Reconheço um recuo nas pesquisas históricas sobre os impasses da psicologia com a questão da cientificidade da psique. Parte-se do pressuposto que a psicologia é uma ciência, como se isto fosse de ordem natural, assim como o sol que nasce a cada manhã. A cientificidade da psique é um tema que deve estar permanentemente na pauta dos cursos que se propõem formar psicólogos. Indagar sobre os fundamentos da psicologia é manter um nível de investigação sobre os limites e possibilidades de uma dada teoria e seu regime de validação. Não se trata de manter a duplicidade de campos para a psicologia, quer seja natural ou humana, mas sim de avaliar o próprio conceito de ciência que aí se constitui. Pois como afirmou Canguilhem, "se não podemos definir a psicologia por uma idéia de homem, ou seja, situá-la dentro da filosofia, certamente não temos o poder de interditar a quem quer que seja de se dizer psicólogo e de chamar psicologia ao que faz"[3].

---

[2] Neste aspecto, é interessante observar as questões que foram apresentadas no "Provão" de junho/2000 para avaliar os alunos concluintes dos cursos de formação de psicólogos. Pela primeira vez os alunos de psicologia passaram pelo Exame Nacional de Cursos, promovido pelo Ministério da Educação, e os conteúdos avaliados demonstram que a psicologia é aceita como uma ciência que possui diferentes métodos de pesquisa que se aplicam a diferentes objetivos de estudo. No entanto, permanece a definição do seu objeto como sendo o comportamento e os processos mentais.

[3] GANGUILHEM, Georges "O que é a psicologia?" in: *Impulso - Revista de Ciências Sociais e Humanas* nº 26 "100 anos de A Interpretação dos Sonhos", Piracicaba-SP:Unimep, 1999, p.26.